

# A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA EVIDENCIADA PELO USO DAS ANÁFORAS INDIRETAS

WRITING HETEROGENEITY EVIDENCED BY THE USE OF INDIRECT ANAPHORA

Fernanda Callefi Panichella<sup>1</sup>

PANICHELLA, F. C. A heterogeneidade da escrita evidenciada pelo uso das anáforas indiretas. **Akrópolis**, Umuarama, v. 28, n. 2, p. 135-143, jul./dez. 2020.

10.25110/akropolis.v28i2.8084

**RESUMO:** Este artigo tem como proposta investigar a heterogeneidade da escrita, utilizando as anáforas indiretas (AIs) como recurso linguístico para as análises. Para tanto, foi analisado um *corpus* constituído por 78 narrativas, no caso, uma nova versão da fábula “A lebre e a tartaruga”, produzidas por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, nas quais 29 apresentam esse processo textual. Dentre essas, selecionaram-se 10 textos para uma análise linguístico-discursiva. Foram eleitas as AIs que ocorreram no momento da corrida da fábula. Utilizou-se o terceiro eixo, isto é, o reconhecimento da heterogeneidade da escrita pela circulação dialógica do escrevente, postulado por Corrêa (2001) na constituição da heterogeneidade da escrita. Também foi observado se os textos circulam por práticas orais e/ou letradas e como tais práticas são apontadas nos textos, com base em Corrêa (2001).

**PALAVRAS-CHAVE:** Anáfora indireta; Dialogia; Fala e escrita.

<sup>1</sup>Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. fcallefi@yahoo.com

**ABSTRACT:** This article aims at investigating the heterogeneity of writing using indirect anaphora (IA) as a linguistic resource for analysis. Therefore, a corpus consisting of 78 narratives were analyzed. These narratives consisted of a new version of the fable “The Hare and the Tortoise”, and produced by students of the sixth grade at an elementary school. From these pieces of writing, 29 stories presented this textual process. Among them, 10 samples were selected for a linguistic and discursive analysis, using the IAs that occurred at the time of the race in the story. The authors used the third axis, namely, the recognition of the heterogeneity of writing through the dialogical circulation of the writer, as proposed by Corrêa (2001), in the constitution of writing heterogeneity. The authors also observed if the pieces of writing circulated by oral and/or literate practices and how such practices are pointed out in the texts, based on Corrêa (2001).

**KEYWORDS:** Indirect anaphora; Dialogy; Speaking and writing.

Recebido em março de 2018  
Aceito em março de 2020

## 1 INTRODUÇÃO

A língua tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita reflete a organização da sociedade, pois a língua mantém complexas relações com as representações e formações sociais. Assim, a fala e a escrita são modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas, e uma não é superior a outra. Por um lado, a escrita, por ser pautada pelo padrão. Por outro lado, a fala leva à estigmatização do indivíduo com mais frequência do que a escrita.

A relação fala-escrita trata de fatos linguísticos, e a relação oralidade-letramento trata de práticas sociais. Argumenta-se que a relação entre fala e escrita não é óbvia, nem linear, porque reflete um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre duas modalidades de uso da língua. É importante lembrar que nem toda escrita é formal e planejada, bem como nem toda oralidade é informal e sem planejamento. Fato que será constatado com as análises de anáforas indiretas (AIs).

Isso dito, este artigo objetiva analisar 78 narrativas, produzidas por alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental, com o intuito de verificar a recorrência de AI, demonstrando a heterogeneidade da escrita por meio dessa marca, baseado em Corrêa (2001). Dentre os 19 casos encontrados de AIs, foram selecionados apenas 10, delimitando-se apenas o momento da corrida da fábula. Também foi possível verificar se nos textos há marcas orais, assim, é possível reconhecer a heterogeneidade da escrita por meio do terceiro eixo estabelecido por Corrêa (2001) por meio de uma análise linguístico-discursiva. O problema que fomentou esta pesquisa foi: “É possível evidenciar marcas da oralidade por meio das AIs?”

A seguir, apresenta-se uma visão geral sobre oralidade leitura *versus* escrita, bem como sobre a heterogeneidade da escrita e os três modos de seu reconhecimento. As análises das AIs são auxiliadas pelo chamado “terceiro eixo”. Subsequentemente, abordam-se as AIs com base em Marcuschi (2001). Por fim, segue-se às análises das AIs nas narrativas, a uma discussão dos resultados obtidos e as considerações finais.

## 2 VISÃO GERAL SOBRE ORALIDADE NA FALA *VERSUS* ESCRITA

Segundo Marcuschi (2000) a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos, que se exhibe sob diversas formas ou mesmos gêneros textuais, é utilizada em diferentes contextos, ou seja, do mais formal ao menos formal.

Para o autor o letramento envolve diferentes práticas da escrita na sociedade, podendo ser o sujeito analfabeto, porém consegue dar conta de práticas sociais, como: identificar o valor do dinheiro, reconhecer placas, distinguir mercadorias por meio das marcas, etc. Nessa perspectiva, letrado é o sujeito que participa de modo significativo de eventos de letramento e não aquele que faz um uso formal da escrita.

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos da modalidade oral. Caracterizada pelo uso da língua na sua forma de sons articulados e significativos, como também os aspectos prosódicos e recursos expressivos de outra ordem. Já a escrita seria uma forma de produção textual-discursiva para remates comunicativos com especificidades materiais, caracterizada por sua constituição gráfica. Trata-se de uma modalidade complementar à fala.

De acordo com Corrêa (2001, p. 141) a noção ampla de letramento pretende valorizar as habilidades atestadas por aqueles sujeitos que, mesmo não tendo acesso à alfabetização, ou mesmo, mantendo-se alheios às práticas de leitura e escrita - tal como foram consagradas - também fazem parte da história da língua e da sociedade através do modo oral de registro da memória cultural.

A oralidade (primária) e o letramento são contemporâneos e a contemporaneidade pode ser constatada pelo modo como os fatos são registrados linguisticamente. De tal modo, tem-se o acesso do letramento, tendo em vista o analfabeto, seja indireto nas sociedades que se organizam por meio da escrita, e que há o alfabetizado não inserido nas práticas de leitura e escrita, um tipo de não letrado caracterizado pela falta de inserção no mundo de tais práticas.

De acordo com Tfouni (1994, p. 54) o letramento pode atuar indiretamente, deste modo pode influenciar culturas e pessoas que não dominam a língua. Logo, o letramento é um

processo mais amplo do que a alfabetização. Além disso, deve-se aceitar que pode haver características orais no texto escrito, quanto traços de escrita no discurso oral.

## 2.1 A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA

Marcuschi (2001) concebe a heterogeneidade à escrita e não exterior a ela. E relata que há esquecimentos da heterogeneidade. O primeiro esquecimento é o linguístico-pedagógico da heterogeneidade da escrita, relacionado ao tratamento oral/escrito que atribui sua heterogeneidade a fatores que se localizam fora dela. O reconhecimento da heterogeneidade marca-se, principalmente, por parte do professor, que muitas vezes justifica a heterogeneidade da produção escrita dos alunos por meio de procedência social, geográfico, cultural ou étnica e a partir do grau de escolaridade.

O outro esquecimento seria o propriamente linguístico da heterogeneidade da escrita, o tratamento da questão oral/escrito, por não reconhecer a escrita como heterogênea, trata esta relação a partir de um critério de pureza. Dessa forma, a relação oral/escrito é vista como interferência do oral no escrito, resultado de um posicionamento que julga o produto escrito a partir de uma escrita idealizada. Não desconsidera a heterogeneidade da escrita, porém recusa-se a reconhecer qualquer heterogeneidade na escrita.

Corrêa (1997) aborda três modos de reconhecimento da heterogeneidade na escrita, entretanto será utilizado apenas o terceiro eixo para as análises posteriores das Als evidenciadas nas narrativas.

O primeiro é o reconhecimento da heterogeneidade da escrita em aspectos da representação gráfica. Deve-se voltar a atenção ao caráter fonético da representação levada a efeito pela escrita alfabética e atentar-se para o caráter etimológico dessa representação. Então, não basta dispor um sistema para transcrever os sons da fala por meio de letras, porque no momento de escrever uma língua, é indispensável eleger qual fala vai ser representada, (1996).

Segundo Cagliari é possível evidenciar dois aspectos da representação da escrita alfabéticas (1) o da representação gráfica dos sons; (2) o da convenção ortográfica. A representação gráfica passa a dialogar com os

seus próprios limites.

No segundo eixo, leva-se em consideração o léxico, a sintaxe, a produção, a organização do texto e recursos argumentativos.

O terceiro reconhecimento da heterogeneidade da escrita pela circulação dialógica do escrevente, neste caso, a proposição da circulação do escrevente baseia-se em três eixos.

a) Na consideração da heterogeneidade como constitutiva da escrita, não como pontual e acessoriamente marcada na escrita.

b) Na consideração da relação sujeito/linguagem modo pelo qual o escrevente registra suas marcas linguístico-históricas na escrita.

A circulação do escrevente é defendida pelos dois primeiros eixos, a partir de marcas linguísticas presentes nas diversas dimensões da linguagem como: marcas prosódicas e/ou lexicais, marcas sintáticas, marcas organizacionais do texto e marcas dos recursos argumentativos.

c) Na consideração do processo de produção de texto escrito.

d) Na consideração escrita como um modo de enunciação.

No terceiro eixo, considerado o princípio dialógico da linguagem, o escrevente transita pelos dois principais eixos de mesmo modo que dialoga com as variedades linguísticas que caracterizam a heterogeneidade estruturalmente marcada na língua. A circulação do escrevente é um diálogo com outro enunciador, com o registro discursivo, com a própria língua, com o leitor e com o próprio texto e com outros textos. Desse modo, há sempre uma fala em todo texto escrito.

Este terceiro eixo está na base do processo de constituição da escrita e do sujeito escrevente, na mesma medida em que coloca o escrevente em relação com o outro. Neste âmbito, o escrevente produz um texto dependente da elaboração conjunta com o leitor, a exemplo do que é realizado em uma conversação. Portanto, há um exemplo do eixo da dialogia com o falado/escrito nitidamente ligado à circulação do escrevente pela imagem que ele faz da gênese da (sua) escrita.

Por meio das análises, é possível observar que este princípio é o que mais auxilia na produção das Als, pois o escrevente estabelece uma relação dialógica com aquele

que ele projeta ser o leitor e acredita que as informações contadas daquele modo são de conhecimento de quem está lendo, por isso, há várias informações subentendidas ou mesmo que necessitam de inferências e do conhecimento de mundo do outro para serem compreendidas.

### 3 ANÁFORA INDIRETA: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Segundo Marcuschi (2002, p. 1) a AI, muitas vezes, é formada por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente ou subsequente explícito no texto. Dessa forma, trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos, ou seja, há um processo de referenciação subentendida.

A AI é um caso de referência textual, melhor dizendo, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo, que envolve a cognição conjunta dos interlocutores. Além disso, anáforas não dependem de uma congruência morfosintática, nem mesmo da necessidade de reativar referentes já explicitados.

Conforme Koch (2006, p. 110) “as anáforas indiretas, consideradas do ponto de vista da estrutura informacional, constituem tematizações remáticas, que acarretam no texto continuidade e progressão no fluxo informacional”. Essas estratégias indiretas, geralmente, desencadeiam uma relação de tema-rema, isto é, a cada novo referente inserido. No rema, há uma afirmação do referente anteriormente citado, que é o tema, ocorrendo uma recategorização dos referentes por meio de expressões e conceitos atributivos contribuindo, desse modo, para a progressão temática e remática do modelo textual.

Em primeiro lugar, deve-se ter em conta que está lidando com um alargamento considerável da noção de anáfora em relação ao que acabamos de ver nas anáforas diretas (AD). Em segundo lugar, deve-se admitir um processo de referenciação não extensionalista. Por fim, trata-se de considerarmos que os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na atividade de textualização, provocando o que poderíamos chamar de universo referencial emergente.

Para Schwarz (2000, p. 49):

Anáfora Indireta trata-se de expressões

definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

Importante, nesse caso, é o fato de: (a) nas AI não ocorrer uma retomada de referentes, porém uma ativação de novos referentes e (b) as AI terem uma motivação ou ancoragem no universo textual. Não se deva reduzir as AI aos casos de sintagmas nominais definidos, pois também se dão casos de AI pronominais. Assim sendo, a definição provisória acima ganharia um reparo com a seguinte reformulação:

Anáfora Indireta trata-se de expressões definidas [e expressões pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

Esse conceito amplia o leque acréscimo significativo, fato que se pode observar no momento de constituir os tipos de AI.

Bühler (1934), Schiffrin (1990, p. 265) propõem que se veja a anáfora como “dependente da dêixis”, pois próprio texto é “essencialmente uma subespécie de um campo dêitico singular”. Assim, “texto e contexto constituem um ao outro”.

Segundo Marcuschi (2002, p. 60):

a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada e presença de uma âncora, quer dizer, uma expressão ou contexto semântico base decisivo para a interpretação da AI;

b) a ausência de relação de correferencial entre a âncora e a AI, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;

c) a interpretação da AI se dá como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor;

d) a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

Geralmente, as AI evidenciam três aspectos: a não-vinculação da anáfora com a correferencialidade, não vinculação da anáfora com a noção de retomada e a introdução de referente novo.

### 3.1 TIPOS DE ANÁFORAS INDIRETAS

Segundo Schwarz (2000, p. 98-110) há tipos fundamentais de AIs que se dividem em vários subtipos (p. 99): 1) tipos semanticamente baseados, 2) tipos conceitualmente baseados. Os primeiros exigem estratégias cognitivas constituídas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico e estão vinculados a papéis semânticos. Já os segundos exigem estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo e enciclopédicos e mais relacionados a processos inferenciais gerais.

a) AI baseadas em papéis temáticos dos verbos

Deve-se ter em mente uma teoria dos “papéis temáticos” para os verbos e observar como esses papéis são preenchidos. O exemplo de Schwarz (p. 99) é o seguinte nesse caso: 5.

Ex: “Eu *queria fechar a porta* quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair *as chaves*.” (SCHWARZ 2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 61).

Nesse caso o verbo fechar tem entre seus papéis temáticos o [papel instrumental]; e nesse caso o item lexical [CHAVE] cumpre esse papel que ficou implícito com o uso do verbo.

(b) AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos

Tem a ver com as relações mereonímicas, ou seja, a parte pelo todo, e também, as hiponímias e hiperonímias e os campos léxicos, mesmo que em menor escala.

Ex. “Não compre a *xícara* amarela. O *cabo* está quebrado, [parte integrante].” (SCHWARZ 2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 62)

É possível perceber constrói a cadeia referencial dos sintagmas definidos sublinhados. Ao lado das AI baseadas nos papéis temáticos, essas relativas à relação parte/todo são as AI mais frequentes.

(c) AI baseadas em esquemas cognitivos

e modelos mentais

As AI são ancorados em representações conceituais ou relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais comumente chamados de frames (enquadres), cenários, esquemas, scripts, entre outros. Explicando melhor, representam focos implícitos armazenados na memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados. Não são necessariamente ligados a itens lexicais específicos, todavia podem ser ativados por itens lexicais, este tipo foi o que houve maior ocorrência nas análises.

Ex. “Nos últimos dias de agosto... a menina Rita Seidel acorda num minúsculo *quarto de hospital*... *A enfermeira* chega até a cama...” (SCHWARZ 2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 63).

O SN definido a enfermeira não reativa algum referente prévio, porém ancora no texto precedente, em especial no item “quarto de hospital” como um esquema cognitivo em que estão vários elementos possíveis de ativação, entre eles a enfermeira. Este é o caso da sequência.

(d) AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual

Essas AI ancoram em informações explicitadas no modelo do mundo textual precedente. Tratam-se de anáforas fundadas em conhecimentos retrabalhados por estratégias inferenciais maximizadas pelo conjunto de conhecimentos textuais mobilizados. O trabalho cognitivo para operar com essas anáforas é maior do que no caso anterior.

Ex. “Pedro comprou um automóvel e João *também*.” (SCHWARZ 2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 65).

Este exemplo permite interpretar que João comprou [UM AUTOMÓVEL], no entanto, não é o mesmo de Pedro. Não há, neste caso, uma correferência, mas sim, há uma introdutora de um novo referente.

(e) AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações

Essa subcategoria de AI são nominalizações e em geral têm uma relação direta com algum verbo do qual mantêm o étimo ou então nominalizações de porções textuais inteiras. Além disso, carregam forças ilocutórias marcantes como mostraram Koch e Marcuschi (1998). Não são AD, porque não retomam

nem se referem, pontualmente, a algum item específico.

Ex. “...Eram as secretárias daquela empresa que *celebravam* o Dia da Secretária e que, desvanecedoramente para mim, haviam-me incluído entre as *celebrações*.” (SCHWARZ 2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 66)

Essa AI dá conta de um conjunto de anáforas comuns que têm a estrutura de um SN construído com um determinante e um nome, sendo o determinante demonstrativo do tipo [esse, este, essa...], gerando uma descrição definida para referir um fato ou um estado de coisas. Trata-se de um processo de nominalização do tópico inteiro em certas oportunidades.

(f) AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutórios de referentes

Tais pronomes não são retomadas de referentes anteriormente introduzidos, entretanto, são ativadores de novos referentes com base em elementos prévios que aparecem no discurso.

Ex. “A: Maria pretende *casar* no final do ano.

B: e o que é que *ele* faz?” (SCHWARZ 2000, *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 67)

O caso (17) é bastante interessante na medida em que se enquadra perfeitamente no tipo (a) [papel temático = casar com alguém], no entanto, com a diferença de não ter uma realização com sintagma nominal definido, mas com um pronome de terceira pessoa.

Segundo Marcuschi (2001) não é qualquer informação que deixa de especificar, porém o que se supõe ser de fácil preenchimento pelo receptor do texto.

#### 4 ANÁLISES DO CORPUS

Foram analisada uma produção de uma nova versão da fábula “A lebre e a tartaruga” de Esopo. O texto foi recontado, mas todos os alunos já o conheciam. Dessa forma, foi possível reavivá-los à memória para produzir outro texto, partindo das mesmas personagens, lebre e tartaruga. Embora produzissem uma nova versão tinham que manter a moral: “Devagar se vai longe!”.

Os alunos do 6º Ano produziram 78 narrativas, dentre elas, 29 possuem AIs. No entanto, foram selecionadas apenas 9

ocorrências para serem analisadas, pois todas se referem ao momento da corrida, esse foi o critério de seleção das AIs, isto é, a seleção dos textos ocorreu partindo do acontecimento mais marcante da estória original.

Objetiva-se assim, realizar uma análise linguístico-discursiva de AIs, baseada nos tipos de AIs estabelecidos por Marcuschi (2001), calcada na heterogeneidade da escrita, por meio do terceiro eixo: diálogo com os ditos. Seguem as análises.

(1)

8	É a hora da corrida, todos em seus lugares.
9	É três, dois, um e já <sup>vão</sup> começar a corrida.
10	É três, dois, um e já <sup>vão</sup> começar a corrida.
11	É três, dois, um e já <sup>vão</sup> começar a corrida.
12	É três, dois, um e já <sup>vão</sup> começar a corrida.

AI baseada em modelos cognitivos e modelos mentais, pois retoma os momentos da corrida “todos em seus lugares”, “contagem”, assim, o escrevente não precisou registrar o início da corrida, mas sim, apenas os elementos que condizem a este início. Tais elementos já fazem parte do conhecimento partilhado do falante.

Também quando diz “a lebre na frente” e “ela está passando, está sentando, e agora dormindo” remete ao terceiro eixo pontuado por Corrêa (2001), pois retoma o que foi lido na fábula “A lebre e a tartaruga”, como também os momentos de uma corrida, que passam a ser registros histórico-culturais de uma comunidade.

Além disso há organização dos elementos textuais. O autor tece comentário “isso vai ser muito emocionante”, se marcando no texto, também é uma característica do terceiro eixo de reconhecimento da heterogeneidade da escrita, visa que tais características são próprias da oralidade. Representam fatos implícitos armazenados na memória de longo prazo como o conhecimento de mundo organizado, mesmo que textualmente não seja, é possível entender o que o aluno pretendia pontuar.

(2)

8	Elas começaram a máxima de pessoas possíveis para a
9	competição que era no dia seguinte às 18:00,
10	a noite para a de 17:30 e estavam todas reunidas
11	no dia seguinte. Com a corrida já em competição
12	antes de mais, a tartaruga era o favorito para vencer
13	a corrida de cima.

AI baseada em modelos cognitivos

e modelos mentais, pois faz uma retomada, depois de dizer que a corrida seria realizada com “motos”, relatando sobre o “árbitro”, logo subentende-se que em uma corrida será necessário estar presente um árbitro para que a competição ocorra, conforme se prevê as regras para essa modalidade de competição, baseado em inferências. Também retoma conhecimento histórico-culturais.

É possível observar a heterogeneidade da escrita, porque o escrevente prevê que o interlocutor produza sentidos de acordo com os já falado/escrito, ouvido/lido.

(3)

3 para do demora muito tempo, mas chegaram e dei tiraram o  
4 mesmo objeto, para ir a festa de vinho, deixaram de lado, mas  
5 a festa, pelo, muito lebre desafia a festa, humilde, condizente tartaruga  
6 para a corrida dos barris.

Al baseada em modelos cognitivos e modelos mentais, situa o leitor de que “os dois”, a lebre e a tartaruga tiveram o mesmo objetivo e na festa teria a corrida dos barris. Há uma ligação lexical “festa do vinho” e “corrida dos barris”. Partiria, então, de conhecimentos semânticos lexicalizados, pois nem sempre festa tem a ver com corrida, mas por se tratar de uma festa específica “do vinho” há uma corrida relacionada “dos barris”. Há um processo de inferência, baseado no conhecimento de mundo do falante, pois a produção de vinho faz alusão aos barris, onde a bebida é armazenada antes de ser envazada.

(4)

16 Então chegaram as notas, para não ficar com  
17 nenhum rem e não ficar com várias notas vermelhas  
18 note que não parelaram que não várias notas delas, eram  
19 de outros turmas, não uma situação amara camara

Al baseada em modelos cognitivos e modelos mentais, pelo fato de que “notas vermelhas” é apenas um modelo cultural, que poderia designar o baixo desempenho escolar. Em uma outra cultura o adjetivo vermelho posterior ao substantivo nota não, necessariamente, traria esta ideia de depreciação, ou seja, representa modelos mentais limitados a uma determinada cultura. Tendo em vista o conhecimento de mundo do falante.

(5)

26 a lebre e a tartaruga chegaram e correm  
27 a lebre e a câmera tirou  
28 uma foto e os dois chegaram ao  
mesmo tempo.

Al baseada em papéis temáticos dos verbos, quer dizer, o verbo “tirar” foi preenchido com o [agente] a câmera que produziu uma ação [a foto], baseado em conhecimentos partilhados. O leitor terá que imaginar que por meio das câmeras foi possível registrar o resultado da chegada e que, neste evento, havia uma câmara para essa finalidade, no caso, verificar quem chegou primeiro. Não retoma a fábula original, entretanto, é um conhecimento partilhado socialmente, com base no conhecimento de mundo.

O escrevente estabelece uma relação dialógica com aquele que ele projeta ser o leitor e acredita que as informações contadas daquele modo são de conhecimento de quem está lendo. Característica do terceiro eixo da heterogeneidade da escrita.

(6)

8 Quando que ela era a mais rápida, então  
9 a tartaruga deu a lebre numa corrida  
10 mas quando chegou no dia da corrida,  
11 chegou um sapo que queria participar da corrida,  
12 então a lebre e a tartaruga deixaram o  
13 sapo participar da corrida, quando começou a  
14 corrida o sapo já estava em primeiro, mas  
15 a lebre tentava chegar perto do sapo.  
16

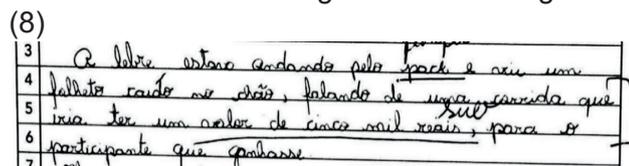
Al baseada em modelos cognitivos e modelos mentais, porque quando há no texto “...começou a corrida o sapo já estava em primeiro...”, não há um marcador fazendo referência a quem seria o “primeiro”, poderia ser o primeiro dentre os participantes da corrida, por meio da situação comunicativa, tal fato fica implícito para o leitor. Não retoma a fábula original, mas há inferência, detectada por meio dos elementos textuais, por exemplo: “...a lebre tentava chegar perto do sapo”, ou seja, a lebre não estava na frente, mas sim o sapo

(7)

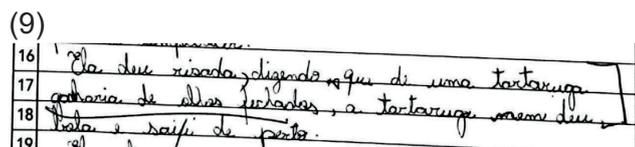
17 Não começaram quando chegou às 10:00 todos os animais  
18 estavam lá, então começaram a correr, chegou um papagaio  
19 ali cantou ali, e todos os animais começaram a  
20 correr e a lebre logo estava na frente de todos, mas  
21 de principalmente de lucas que estava em último.

Al baseadas em inferências ancoradas

no modelo do mundo textual. Neste caso, há marcações explícitas precedentes, o “lá” retoma o local da corrida, isto é, na floresta, como também a posição inicial para ocorrer a corrida, na qual todos os participantes devem estar posicionados. Além disso, há a expressão “todo mundo”, que encapsula todos os participantes da corrida menos a lebre, pois ela estava na frente de todos eles. Além do mais, essa expressão é muito comum na oralidade. O local da corrida faz referência ao mesmo lugar da estória original.



AI baseada em modelos cognitivos e modelos mentais, por meio do conhecimento de mundo do leitor, por se tratar de uma corrida, subentende-se que quem chegar em primeiro lugar na colocação será premiado de alguma forma, pode-se prever que estes “cinco mil reais” será o prêmio do ganhador da corrida, todavia pela escrita do aluno, poderia ser que o valor tivesse que ser pago por quem chegasse em primeiro lugar. No entanto, pelo conhecimento armazenado na memória do falante, ele entenderia que o valor estipulado seria a premiação. Conhecimento histórico-cultural, pois o interlocutor prevê mediante as diferentes práticas sociais que tem conhecimento.



AI baseadas em relações semânticas inscritas nas SNs definidas, pois trata-se da parte pelo todo, ou seja, de relações meronímicas e até mesmo uma metáfora em “acharia de olhos fechados”, retomando a tartaruga, com o sentido de que seria fácil ganhar de um animal lento, por exemplo. Já em “nem deu bola” também há metáfora, é uma expressão utilizada no sentido conotativo, mostrando que a tartaruga não deu importância para aquilo que a lebre disse anteriormente.

É perceptível que a maioria das AIs se baseiam em relações de frame ou meronímicas, possivelmente por se tratarem de relações fundadas em conhecimentos de mundo e

culturais, que os alunos trazem em sua bagagem cognitiva ou adquirem no momento da discussão em sala de aula e da leitura do texto-base da proposta de redação.

Também são expressões histórico-sociais, que não são retomadas na fábula original, porém são muito utilizadas na oralidade.

#### 4.1 DISCUSSÃO

Dentre 78 textos analisados, 29 continham anáforas indiretas. As anáforas mais recorrentes foram.

Quadro 1: Tipos de anáforas

Tipo de anáfora indireta	Recorrência
AI baseada em modelos cognitivos e modelos mentais.	19
AI baseadas em relações semânticas inscritas nas SNs definidas.	7
AI baseadas em papéis temáticos dos verbos.	2
AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual.	1

Fonte: Os autores (2018).

Em todos os exemplos analisados foi possível perceber que a escrita é um tipo particular de enunciação, em que as relações com o mundo e com o falado ocorrem no próprio processo de escrever, caracterizando a relação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado.

O terceiro eixo está na base do processo de constituição da escrita e do sujeito escrevente, pelo fato de colocar o escrevente em relação com o outro, fato evidenciado com o uso das AIs, em que o indivíduo deve se basear em estratégias cognitivas ou inferências para preencher as lacunas que foram deixadas pelo falante e/ou escrevente.

São comuns no diálogo que o escrevente explora em sua leitura dos textos: efeitos de generalização, colagem, aproveitamento sem citação ou paráfrase, bem como pressuposição de que o leitor conhece, o que foi constatado por meio das narrativas analisadas.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, foi possível

compreender que ao se caracterizar o indivíduo como letrado, a ênfase tem recaído no tipo de prática social que envolve o uso da leitura e da escrita, assim, a participação direta ou indireta do indivíduo nessas práticas, as quais envolvem a codificação de sons em letras e decodificação dessas letras em sons, o que tem caracterizado a fronteira do letramento em relação ao não-letramento ou ao menor grau de letramento.

Respondendo à problematização inicial: “É possível evidenciar marcas da oralidade por meio das AIs?” Sim, pois o falante utiliza as AIs como uma forma de economia da língua, por mais que ele tente situar o leitor de todas as informações no texto, nem sempre isso é possível, uma provável justificativa do uso das AI. Na fala este fenômeno linguístico é bastante comum.

É importante lembrar que, não é qualquer informação que o falante deixa de especificar, entretanto, o que supõe ser de fácil preenchimento pelo receptor do texto. Também é perceptível que as narrativas analisadas embora tenham práticas de letramento, há marcas de oralidade. Essas marcas estão presentes no texto por meio das AIs, repetição de palavras, os fatos sendo contados como se estivesse falando, remissão aos já ditos/falados, lidos etc. E a anáfora mais utilizada foi AI baseada em modelos cognitivos e modelos mentais com 19 ocorrências.

É imprescindível que os professores trabalhem com a heterogeneidade constitutiva da escrita, é preciso que abandonem com o ideal de pureza que atribuem à escrita como código e passem a pensá-la como um modo de enunciação marcado pela diversidade linguístico-histórica dos escreventes.

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, I. C. (1996). “**A escrita do português arcaico & a falsa noção de ortografia fonética**”. Campinas: UNICAMP.

CORRÊA, M. (2001). **Letramento e heterogeneidade da escrita no português**. São Paulo: Campinas.

CORRÊA, M. (1997). **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Campinas.

KOCH, I. G. (2006). **Desvendando os**

**segredos do texto**. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, L. A. (2011). Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. *In*: Koch, Ingedore Villaça. MORATO, Edwiges Maria. BENTES, Anna Christina (Orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, (p. 53-101).

MARCUSCHI, L. A. (2001). **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez.

SOARES, M. (2001). **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica.

TFOUNI, L. V. (1994). **Perspectiva histórica e a-histórica do letramento**. São Paulo: USP.

## LA HETEROGENEIDAD DE LA ESCRITURA EVIDENCIADA POR EL USO DE LAS ANÁFORAS INDIRECTAS

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo investigar la heterogeneidad de la escritura, utilizando anáforas indirectas (AIs) como recurso lingüístico para el análisis. Para ello, se analizó un *corpus* compuesto por 78 narraciones, en ese caso, una nueva versión de la fábula “La liebre y la tortuga”, elaborada por alumnos del 6º año de primaria, en las cuales 29 presentan ese proceso textual. Entre esos, se seleccionaron 10 textos para el análisis lingüístico-discursivo. Se eligieron las AIs que ocurrieron en la época de la carrera de la fábula. Se utilizó el tercer eje, es decir, el reconocimiento de la heterogeneidad de la escritura por la circulación dialógica del escritor, postulado por Corrêa (2001), para verificar el uso de la heterogeneidad de la escritura. También se observó si los textos circulan a través de prácticas orales y / o alfabetizadas y cómo estas prácticas se señalan en los textos, con base en Corrêa (2001).

**PALABRAS CLAVE:** Anáfora indirecta; Dialogía; Habla y escrita.